

Petricor, 2011 / Luiza Baldan

Cercada de Daniéis, Virgínias, Tânicas e Esmeraldas, e tantos que adentraram a minha vida da noite para o dia, na companhia dos mais deliciosos autores e de uma breve cortina.

Uma cama na qual mal caibo, adornada com peças de azulejo com motivo infantil, que me abarca nos mais profundos sonhos de expectativa sem fim.

Ocupo um quarto ensolarado com mancha de armário no taco já surrado.

Três portas e uma janela: muitas escapatórias para o meu medo incipiente, tão comum em momentos assim.

Como o primeiro dia de aula em outra escola em outra cidade, com aquele sorriso gentil para conquistar possíveis amizades.

Um frio estranho porque me arranquei de casa para me entregar ao desconhecido.

A ânsia que se transforma em prazer, gratidão e adrenalina.

Cá estou outra vez na montanha russa das novas paisagens.

Ganhei uma manta rosa choque porque sou menina.

A que se deve tal confiança?

Corro ao longo do trilhos do bonde até chegar à entrada das Paineiras.

Nado sobre a paisagem da Zona Norte.

Adormeço com o ruído branco de uma bateria.

Cozinho para ganhar intimidade com a casa.

E volto a me sentir fora do lugar...

O infinito é o horizonte.

De súbito, súbito, súbito.

Vou parar essa história. Vou ligar para ele agora. Eu preciso disso. Obrigada Zé.

Saí da zona de conforto.

Percorro a cidade com fome para me lembrar de como ela é grande.

Avisto a casa a partir dos mais diversos pontos. O sol lasca as janelas, criando um farol na montanha.

A casa é de ninguém e é de todo mundo.

A casa é do outro.

O quarto é meu.

Ouço um porco pela janela.

Um gato sobe no meu ombro.

Libélulas.

O tiritar das gotas do ar condicionado do vizinho.

Obrigada Isaías.

O silêncio é tal que ouço a maquinaria do elevador.

Cachorros perdidos ao vento.

O tiritar das gotas do ar condicionado do vizinho.

E pensar que este lugar foi construído dois anos antes do meu pai nascer.
E que todas os adultos que conheço, que moraram no bairro, frequentaram a piscina quando eram crianças.
As histórias se multiplicam entre residentes e convidados. Aqui na casa posso dizer o mesmo, já que todos residimos e todos somos convidados.

O motor do ar condicionado do vizinho.
A caixa d'água no térreo.

Ainda estou processando as mil coisas que estão acontecendo em ritmo muito devagar.
Os quilômetros que percorro até as Paineiras, as braçadas na piscina.
A capelinha dos donos da cachaça.
A van que parte da portaria e me leva a muitos lugares possíveis e que não havia imaginado.
Casa 1, 102. Casa 2, 202.

O antropólogo, que mora em Paquetá, viveu muitos anos ali, quando havia aulas de natação abertas à comunidade. O garoto fumava no terraço olhando a vista de 360°. A senhora portuguesa namorava o porteiro, mas mantinha sua casa separada. A menina matava aula com os coleguinhas do colégio para tomarem banho de piscina. O músico tocava bateria vendo o relógio da Central. A moça dava banho no cachorro todas as manhãs na garagem. O outro cão morava no mato por debaixo da piscina, com seus potinhos de comida e água, diferente dos gatos que não eram de ninguém. O menino sentava nos degraus da portaria para esperar a carona da tia para a escola. O rapaz pulava do trampolim esperando mergulhar na cidade. Era um dos prédios mais luxuosos do bairro.

E se me dizem que o vazio está cheio de potencialidade?
Que ali não pode não existir alguma coisa?
Por quê existe alguma coisa e não nada?
O cérebro é mais vasto que o céu.
Quando existe luz, existe memória.
Luz é corpo, corpo é luz.
Dentre as coisas que ouço, a luz é o primeiro animal visível do invisível.
São ornamentações do vazio, transfigurações do vazio.
Subitamente há muito lugar.

A geografia não importa.
O mapa não é o território.
De história vivemos mais que de imagens.
Passos largos rumo ao crescente.

Do barulho do corredor, me recolho aos pequenos objetos do lugar.
A simplicidade das formas e o imposição das cores.
Da impessoalidade do corredor, me entrego à paisagem erma.

A imensidão do vazio escuro e a companhia discreta dos que não posso avistar.
Da confusão do corredor, me resumo a mero observador da hierarquia dos jogos infantis
e de suas regras inventadas, e obedecidas.

Trovoadas e sirenes.
E eu aqui sozinha no topo da cidade.

Moraria em todos os lugares em que morei.
Passo por gringa em todos eles, mas rapidamente sou incorporada.
Meu sotaque não tem direção.

O vento assovia alto por entre as frestas.
Todas as janelas tremem.
Subserviência.

Pingando pelas paredes e pelo céu.
Pingos d'água, de ferrugem, de morcegos.
A água de baixo foi pra cima, e torna a cair, ciclicamente.
Mas a piscina não volta a encher.

Deitada na cama, por uma brecha da cortina, vejo o Cristo Redentor.

O marimbondo é uma vespa, parente da abelha e da formiga.
Ele se protege construindo sua casa em lugar abrigado de predadores.

Construção do lar

1. A primeira etapa da construção de uma casa é a aquisição da matéria-prima. Para isso o marimbondo raspa com sua mandíbula a fibra de madeiras mortas, como galhos de árvores e troncos caídos. Em seguida, ele mastiga essa fibra e a mistura com água e com a própria saliva.
2. A fibra amolecida é regurgitada pelo marimbondo no local onde ele pretende construir a casa. A modelagem dos favos e do invólucro do ninho é feita com as patas dianteiras e com as mandíbulas. Normalmente, a construção leva apenas alguns dias para ficar pronta.
3. As casas de marimbondos são semelhantes às das abelhas. Elas são divididas em favos, que servem como depósito de uma substância feita a partir de larvas de pequenos insetos. Esse mel meio nojento é produzido para consumo interno dos marimbondos. A rainha do grupo vive no centro da construção.

(<http://www.ideal dicas.com/casa-do-marimbondo/>)

Casa na janela, casa no banheiro.

Casa de Marimbondo

João Bosco

Composição : João Bosco & Aldir Blanc

Meu samba é casa de marimbondo:

Tem sempre enxame pra quem mexer

Não sabe com quem está falando

Nem quer saber, nem quer saber, nem quer saber

Tem gente aí que acha

Que samba é contravenção

Eu saco bem o tipo

E sou de opinião

Que é nego acredita

Que sempre tá com a razão

Meu samba sempre diz:

Essa Não! Essa Não! Essa Não!
Se o morro fica fazendo média
E aceitando a situação
Meu samba chega e, de cara feia
Dá decisão, dá decisão, dá decisão.

Começo do fim.
A sensação é irreparável. A dúvida se desfaz e a mala fica pronta.
Sinto umas saudades bestiais.

O espaço-entre se dispõe uma vez mais.
Um intervalo composto de colunas e um bebedouro.
Uma caixa de máquinas.
Requinte do século passado em meio ao trânsito.
Limite escalonado entre acessos.
Um andar-entre.
Andar-através.

Pressentimento, melancolia, medo.
A insegurança mora ao lado.
Já invadiram assim outras vezes, outras casas.
Vulnerabilidade irrestrita.
Sentimento de perda, de abuso, de opressão.
Revolta e preconceito se misturam afim de justificar a náusea.
Fragilidade, frio.
Voltar pra casa em meio a cascas de ovos.
Lamúria, lamentação.
Encontro o aviso de recebimento da carta que enviei no dia em que saí daqui.
Término e recomeço.